

DIÁLOGOS INTERLÍNGUAS NA POÉTICA DE ALEXANDER SEARCH OU A “BUSCA” PESSOANA PELAS CONTÍNUAS POSSIBILIDADES DO EXISTIR

Manoel Barreto Júnior¹

Resumo: A dicção poética de Alexander Search, como uma personalidade literária-germinal de Fernando Pessoa, aciona em seu fazer estético expressões confessionais, pela busca de si. Aspecto que evidencia intensas articulações metafísicas, sobretudo, em reconfigurações temáticas que circundam a angústia, a perda, o tempo, a finitude entre outras questões ontológicas que de algum modo são empenhadas como rasuras líricas que traduzem a existência humana. Por essa lente, e, principalmente, a partir de alguns poemas esparsos de Search-Pessoa, objetivamos investigar como a dicção poética de Alexander Search se apropria de questionamentos existenciais, como matéria-lírica, prefiguradas através das buscas humanas em suas possibilidades de existir. Assim sendo, através de leituras contextuais, evidenciamos traços peculiares de uma poética embrionária que se revela a partir do objetivismo árido da língua inglesa e o acolhimento afável da língua portuguesa, ao traduzir o lirismo pessoano como buscas intersubjetivas - como testemunho de vida.

Palavras-chave: Alexander Search; rasuras estéticas. diálogos interlínguas; lirismo pessoano.

1 Introdução: *Tudo que existe existe talvez porque outra coisa existe*²

*O segredo da Busca é que não se acha.
Eternos mundos infinitamente,
Uns dentro de outros [...]
(Pessoa, 1991, p. 170)*

Na atualidade, a ideia de um *buscador* imediatamente nos remete ao sentido de uma ferramenta eletrônica de pesquisa, desenvolvida para procurar palavras-chave

1 Professor Titular da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Doutor em Literatura e Práticas Sociais pela Universidade de Brasília – UnB, com pós-doutorado em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Docente do Colegiado de Letras, Língua Inglesa e Literaturas e do Programa de Pós-Graduação em Metodologia do Ensino-Aprendizagem de Línguas Estrangeiras (PPGMEALE/UNEB). Endereço eletrônico: mbjunior@uneb.br

2 Frases esparsas de Bernardo Soares, que nos servem para nomear as subseções deste trabalho (PESSOA, 1986, p. 171).

ou um logaritmo qualquer, no irrestrito espaço da internet. Assim sendo, de uma simples curiosidade culinária, questões de conhecimentos gerais, dúvidas técnico-profissionais, amenidades, curiosidades e, por que não dizer, ainda, inquietações existenciais, sim, os buscadores automáticos estão a um clique.

A essa altura da contemporaneidade, *Google, Yahoo! Bing, Ask*, entre tantos outros navegadores se mostram praticamente essenciais à nossa sobrevivência, sobretudo, pela maneira instantânea que se nos apresentam respostas. Certamente algumas precisam ser checadas, confrontadas, inqueridas, mas é inegável que as perguntas, através desse meio digital, começam logo a serem esboçadas para um entendimento preliminar sobre o assunto pretendido.

Um movimento que nos remete a uma característica peculiar da natureza humana, ante aos questionamentos de tudo na vida. E as coisas ficam ainda mais complicadas quando as perguntas avançam para além do plano ôntico por meio dos desassossegos pessoais que os indivíduos apresentam invariavelmente durante sua existência.

Especificidades essas bem delineadas pela complexidade das sociedades contemporâneas que nos remete à palavra *Search*, que, numa livre tradução da língua inglesa para língua portuguesa, orbita vocábulos tais quais: procura, busca, investigação, entre outros. Com efeito, quando pensamos isoladamente cada uma destas palavras, observamos que a sua condição substantiva articula um certo empenho das necessidades humanas pelo desejo de descobertas e/ou respostas que podem configurar apontamentos essenciais, como se cada vida tivesse, em si, enigmas para serem desvendados. E se pensarmos ainda que cada enigma traz outros tantos enigmas, firmamos a compreensão de que essa complexidade está longe de ser dissipada.

E é exatamente por essa lente que direcionamos nossa discussão através desse bicho-carpinteiro que atende pelo nome de inquietações humanas, quando tensiona as possibilidades do existir entre reflexões ontológicas e metafísicas por meio de percepções filosóficas cifradas, que, neste instante, seguirá potencializada pelos motes *indisciplinados* da literatura comparada, como bem afiança Sandra Nitrini (2010), quando empenha que,

[...] a literatura comparada acena para um cruzamento de metodologias e de sua negação, mas nem por isso deixa de ocupar um espaço próprio dos estudos literários, seja como objeto de discussão, seja como perspectiva de aproximação da literatura como tal e de sua relação com outras artes e com outros domínios do saber. (Nitrini, 2010, p. 123).

Tais perspectivas teórico-metodológicas norteiam nossas aproximações entre os caminhos não menos densos da linguagem poética, em favor da ampliação do acolhimento da matéria intersubjetiva que forja à condição humana em sua plenitude demasiadamente contraditória – que justamente marca e se apresenta como uma das nossas maiores traduções existenciais.

Da substantivação da palavra *busca*, seguimos agora para a adjetivação pelo termo *buscador*, quando vasculha o labirinto poético à procura de uma coisa-resposta que sirva como alento e composição de sentido do eu, em meio a uma realidade que se apresenta a cada instante nua e desprovida de sentido existencial. Ou seja, a revelar dilemas naturais da condição humana que certamente inquietou Fernando Pessoa, e que foram vertidas pela polifonia genealógica do seu ser muitos e nenhum, quando transita por uma poética singular e plural, que muito reflete a natureza humana. A tal ponto dispõe Bosi (2000):

O trabalho poético é às vezes acusado de ignorar ou suspender a práxis. Na verdade, é uma suspensão momentânea e, bem pesadas as coisas, uma suspensão aparente. Projetando na consciência do leitor imagens do mundo e do homem muito mais vivas e reais do que as formadas pelas ideologias, o poema ascende o desejo de uma outra existência, mais livre e mais bela. [...] A poesia traz, sob as espécies da figura e do som, aquela realidade pela qual, ou contra a qual, vale a pena lutar. (Bosi, 2000, p. 277)

Aspecto que equaliza contradições aparentes, quer pelas temáticas trabalhadas, quer pelo gestar de seus heterônimos que, de modo expresso evidenciam como mote identidades em crise, que se encontrou na vazão expressiva do discurso modernista. Um movimento estético evidenciado, entre outras tantas características pela fragmentação do eu, ante à realidade da vida que se apresenta cotidianamente.

Por este olhar, observamos que a complexidade do discurso poético pessoano, entre os heterônimos e o ortônimo, reflete para um processo autêntico de amadurecimento estético que, através da pluralidade discursiva, condensa a unidade perdida do eu, que sobrevive pela capacidade do sujeito estético de encenar suas subjetividades – aliás, um aspecto sublime do empreendimento heteronímico de Pessoa, em seu ‘drama em gente’, conforme aponta Joachim (2014):

A heteronímia não se restringe aos três heterônimos (principais) e ao assim chamado ortônimo. Ela desdobra-se também na abundância de heterônimos considerados “menores”: os semi-heterônimos, os sub-heterônimos, os pré-heterônimos, os ‘quase’ heterônimos, os para-heterônimos e os proto-heterônimos etc. Evidentemente, as figuras como Antonio Mora, Carlos Otto ou Alexander Search a qualidade de heterônimo por vezes é negada sendo definidos como “personagens literárias” [...]. Pessoa mesmo chega a fazer esta distinção, porém também fala de “personalidades literárias”. A distinção parece ter a função de assinalar que Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos têm mais autonomia e são mais completos e mais criadores (Joachim, 2014, p. 161-162).

Assim sendo, cumpre salientar que grande parte dos estudos pessoanos tem focado, estritamente, em sua obra escrita em língua portuguesa, a partir de 1914, como se o poeta tivesse florescido para poesia e para o processo de criação heteronímico somente depois desta data, como bem salienta Freire (1995), quando destaca que: “De facto foi o eclodir desse fenómeno a quatro vozes e a produção

genial que se surgiu, em português, que tornaram Pessoa notável e lhe conferiram a grandeza que todos conhecemos” (Freire, 1995, p. 17).

Contudo, esse fenômeno da alteridade de vozes articula fases preliminares, a demonstrar que a lírica pessoana remonta a um período anterior, com nuances experimentais, ao tom ensaístico, que, certamente, forjaram a potência poética que conhecemos em parte. Dentro desse cenário, é importante elencar que, antes de 1914, existiu toda uma galeria de “personalidades literárias” com quem o poeta compartilhou experiências e retroalimentou seu imaginário e escrita criativa, desde a infância até a adolescência, por meio de personas, tais quais: Chevalier de Pas, David Merrick, Charles Robert Anon e Alexander Search; estes estão entre esses muitos – apenas para situar alguns nomes que circundam o universo anglófono.

A propósito da poesia inglesa de Fernando Pessoa, temos apenas tido uma visão um tanto fragmentária, inclusive, a pensar que esta teria sido uma expressão esporádica de sua produção. Atentos a tal questão, nosso objetivo caminha em investigar como a dicção poética de Alexander Search se apropria de questionamentos existenciais, como matéria-lírica, prefiguradas através das buscas humanas em suas possibilidades de existir. Para tanto, centramos nossos empenhos nas poesias inglesas de Alexander Search, quando pondera a mundividência em expressões confessionais, pela busca de si, de modo a retroalimentar o lirismo pessoano – pela pluralidade de seus múltiplos.

2 Tudo quanto tenho buscado na vida, eu mesmo o deixei por buscar³

E para esse caminhar, alguns apontamentos biográficos de Fernando Pessoa precisam ser evidenciados, para uma melhor contextualização do nosso recorte. De tal modo, Fernando Antônio Nogueira Pessoa, nascido em Lisboa, Portugal, a 13 de junho de 1888, era filho de Joaquim de Seabra Pessoa, natural de Lisboa, e de Maria Magdalena Pinheiro Nogueira Pessoa, natural dos Açores. Infelizmente o pequeno ficou órfão de pai aos cinco anos de idade. Em seguida, sua mãe se casa com o comandante militar João Miguel Rosa, que foi nomeado cônsul de Portugal, em Durban, na África do Sul. Acompanhando a família, o menino seguiu para a África do Sul, onde recebeu educação inglesa em um colégio confessional, o *Durban High School*.

Convém não esquecer que Pessoa foi para Durban com sete anos (em janeiro de 1896) e que só de lá voltou definitivamente com dezessete anos (em agosto de 1906). Foi em língua inglesa que o seu pensamento e a sua inspiração abriram verdadeiramente as asas. É verdade que nunca deixou de se exprimir em português, oralmente com a família, e por escrito – como atestam algumas composições – essas, sim, episódicas – entre 1902 e 1909. Mas impõe-se reconhecer que o poeta foi autodidata

3 *Ibidem*, p. 102.

na língua e na cultura portuguesa. A sua escolaridade foi feita em inglês e na cultura inglesa praticadas pelas instituições que frequentou. Foi com essa língua e cultura que o jovem poeta se mediu (Lopes, 1985, p. 7-8).

Sob tais perspectivas, o espaço aberto por esta investigação nos encoraja a revisar uma estética germinal que demonstra um estreitamento visceral através dos escritos de Milton e de Shakespeare, apresentados pelo *Durban High School*, e potencializados pelas vivências e experiências interculturais que fomentam o pequeno através da tessitura de uma poética experimental, interlínguas, que já se revelava moderna entre as conexões do devir ontológico pelas indagações iminentes de ser e de estar no mundo, em suas constantes transformações.

Em contraste ao que se revela desenvolvido e bem delineado, esse período incipiente evidencia que os versos anglófonos de Search apresentam um estágio contínuo e formativo de experiências estéticas, através do amadurecimento poético, principalmente, perante temas que seriam posteriormente bem articulados ao longo da obra pessoana.

Mas quem exatamente é esse notável heterônimo que atende por Alexander Search, cujo nome vem sempre à tona quando nos debruçamos sobre a poesia pessoana escrita em língua inglesa? Sabemos, decerto, que Alexander Search foi a primeira criação importante do pulso de Fernando Pessoa, um heterônimo que representa praticamente toda a poesia da sua juventude, escrita entre 1903 a 1910, mas sobretudo entre 1904 e 1908 (dos 16 aos 20 anos), pois aí se situa a maior e a mais consistente parte da sua produção.

Para Freire (2004):

À semelhança do seu irmão Charles James Search, existe no espólio uma ficha biográfica, também escrita em inglês: “Nascido a 13 de Junho de 1888, em Lisboa. Tarefa: tudo o que não seja da competência dos outros três.” A descoberta desta gemelaridade com o próprio Fernando Pessoa, nascido realmente na mesma data e no mesmo local, veio conferir um interesse diferente a esta personagem e ao estudo da poesia assinada com o seu nome. A partir daí e com base em alguns poemas que entretanto foram dados a público nas últimas décadas do século XX, acompanhando breves ensaios temáticos, os estudiosos consideraram-no pseudônimo, heterônimo, pré-heterônimo, semi-heterônimo, sub-heterônimo ou personalidade literária, consoante o modo como viam esta figura misteriosa e intrigante (Freire, 2004, não paginado).

Pouco importa a designação genealógica da *persona* poética a partir do olhar de Search. Importa a essência da percepção existencial que se multiplica através de indagações metafísicas do ser-estar, pela consciência de sentir o mundo. Na medida em que se refuta posturas maniqueístas, tais quais, entre o objetivo e o subjetivo, o real e o poético, o nascimento ou a morte, mas sempre apurado por meio da densidade do existir, que, aliás, remonta a um movimento muito próximo ao pensamento de Heidegger, quando, grosso modo, afirma que pensar e ser é

uma forma de poetizar. Alinhada a esta percepção genealógica configurada através de palavras, ainda articula Freire (2004):

[...] acreditarmos nas palavras do poeta em relação ao tempo em que se processa a escrita de Search, poderemos admitir que este irmão-gêmeo seja não só a personagem que mais se identifica com a sua verdade, mas ainda o embrião poético que em sua “Busca” (e o nome é simbólico) já contém em si as preocupações metafísicas e as diferentes facetas que darão vida e justificarão os futuros outros em que Pessoa se desdobrará (Freire, 2004, não paginado).

A constatação desse movimento implica articular que os poemas, aqui selecionados, representam a constituição de uma unidade poética orgânica e sistematizada por Alexander Search que circundam, portanto, a existência e a essência, a gênese e a eficácia estética que se principia numa busca de uma vida inteira, que, de algum modo, ainda ecoa através de seus versos. Entretanto, apenas devemos, antes, nos entender acerca do caráter desta sistematização lírica que articula concepções filosóficas de Fernando Pessoa, ortônimo, quando, a partir de seus versos, nos toma pelo autorreconhecimento e empatia, para, então, evidenciar, pela simples presença de outrem, nossa existência.

Essa dimensão estético-existencial é nuclear para compreendermos os versos experimentais que, em tom confessional, busca a essência do ser e das coisas do mundo, por vezes, traduzidas em inquietações metafísicas e ontológicas de Search, na medida em que revela um construto poético contínuo, que transita do ingênuo essencial à aridez expressiva que contorna a obra deste “proto-Pessoa”, e que, de algum modo, ainda ecoa em toda obra pessoana. Entre indagações, desassossegos, angústias, reflexões e conciliações, mas nunca entre respostas absolutas, sobretudo, ante às questões da consciência do existir. A tais provocações, Martin Heidegger, em sua obra *Ser e Tempo*, alude:

A interpretação existencial da consciência deve expor um testemunho do seu poder-ser mais próprio do que está sendo na própria presença. O testemunho da consciência não é um anúncio indiferente, mas uma apelação apeladora do ser e está em dívida. O que se testemunha é, pois, “apreendido” no ouvir que apreende o apelo sem deturpações, no sentido por ele mesmo intencionado. Apenas a compreensão do interpelar, enquanto modo de ser da presença, propicia o teor fenomenal no que é testemunhado no apelo da consciência (Heidegger, 2015a, p. 376).

Necessária consequência do ponto de vista, acima referido, pondera a consciência da interpretação existencial que resulte numa dialética interior que, antes de tudo, traduza a autenticidade da existência pelo percurso histórico de cada ser. E que, portanto, no caso de Fernando Pessoa, brota a partir da linguagem poética a serviço de testemunhos singulares da condição humana, a partir do pensamento poético-filosófico capaz de compartilhar conexões imanentes à essência do homem pela expressão da linguagem, quando “[...] prevalece a opinião de que um traço

fundamental do pensamento é representar de maneira universal o que possui validade universal” (Heidegger, 2015b, p. 07).

Sob esse olhar, a concepção criadora de Alexander Search se manifesta, em especial, pelas possibilidades do existir através de circunstâncias objetivas, naturais e criativas que ampliam a concepção ontológica do ser, que, no caso desta persona literária, exprime a sensibilidade subjetiva e, logo, humana, entre distintas sociedades e temporalidades, na medida em se inclina pela expressão universal – interlínguas?

Para Luisa Freire (1995), os escritos anglófonos de Pessoa-Search demandam algumas questões de ordem crítica que expõem:

[...] a complexidade do seu discurso poético, a perfeição demasiado rebuscada e os vocábulos arcaizantes que usou, sobretudo nos sonetos conferem a estes poemas algo de artificial e de puramente literário tornando difícil as descodificações do seu pensamento último no emaranhado de uma linguagem demasiado sobrecarregada. Isto levou Jorge de Sena a referir seu – “total artificialismo” e alguns críticos a classificar o inglês pessoano de “anacrônico” e “extemporal”. Edouard Roditi fala mesmo do “desusado dialecto inglês” que era o seu, mas outros estudiosos, de língua inglesa, parecem não sentir essa estranheza e analisam a obra – pensamento e expressão – como um todo coeso e interligado (Freire, 1995, p. 24).

Se agora apontamos para essas questões da linguagem, não podemos perder o foco que nos importa, nesse instante, no que concerne a pensar a linguagem como forma expressiva capaz de promover reflexões sobre a essência do existir, através da escrita poética. De tal modo, as reflexões acionadas por Search-Pessoa pelo escopo poético-filosófico podem ser amplamente alinhadas por esta noção interlínguas, como forma de expressão a

[...] firmar a sua parte mais humana e carente, que sentiu em português o caminho familiar e o registou na simplicidade de uma comunicação informal permanecerá ligada a ele é a do português fará sua língua afetiva, em que vazará a sua sensibilidade mais profunda. Na síntese formulada por Jennings, “uma língua do intelecto” e uma “língua do coração” (Freire, 1995, p. 24).

Para além do bilinguismo pessoano, importa (re)apresentar um pouco da produção de Alexander Search, por meio de alguns poemas esparsos que refletem, em muito, traços estilísticos reconfigurados, tanto na língua do intelecto, quanto da língua afetiva, perante o refinamento entre o pensar e o sentir, exatamente porque buscava traduzir a existência de modo inteligível, como um alento ou salvação, que provocava pelas indagações peculiares a todo e qualquer vivente.

3 Ah, quem me salvará de existir?⁴

E assim, à poesia em língua inglesa de Search-Pessoa já orbitava temáticas que outros entes também trilhariam, um aspecto importante que confere unidade a um discurso poético, em fraco processo de amadurecimento conceitual e metafísico, ainda que com forte inclinação romântico-simbolista, por meio de temáticas, como: sentimento de exclusão; busca pela expressão poética; dúvida permanente; ser no mundo; alegria alheia; finitude; ações do tempo, entre outras questões estético-reflexivas.

E se agora pretendemos adensar nosso escopo de pesquisa, através de questões ontológicas, que, de algum modo, são empenhadas como rasuras estéticas, pela permanente percepção do existir; entendemos que Alexander Search já revelava ter a busca como estímulo e mote primordial de sua dicção poética. Por esse olhar, o Search que agora se apresenta, nesta breve seleção de três poemas esparsos, adensa questionamentos existenciais em suas percepções simbólicas, ao revelar uma escrita experimental que, por vezes, evidencia fragilidades estéticas e insólito espessamento crítico, mas que já indicava um traço lírico, por meio da consciência incômoda do cotidiano.

De tal modo, os poemas selecionados são atribuídos a Search, pelo ano e assinatura dos manuscritos catalogados pela filóloga e pesquisadora Luisa Freire (1995), escritos entre 1906 a 1908 – período que permite o processo de amadurecimento temático, crítico e estético do poeta.

Afloradas tais questões, o drama humano do existir, por si, aciona a necessidade da busca ao que parece inatingível ao humano. E, dessa forma, se mostra possível pela força do signo poético, através de versos e poemas absolutos – como símbolo criptografado e intrasferível. Entretanto, a busca natural por gente para compartilhar anseios comuns é inevitável aos humanos, que se mostram mais leves quando em diálogo com o mundo. Aliás, um pensamento muito próximo ao que refere Sarah Bakewell: “Para Sartre, se tentarmos nos fechar em nossas mentes, “num agradável quarto aquecido com as venezianas fechadas,” deixamos de existir. Não temos um lar acolhedor: estar numa estrada empoeirada é a própria definição do que somos” (Bakewell, 2017, p. 52).

Assim posto, compreendemos que é preciso ler e ouvir o infante-poeta como uma possibilidade ultrassônica, capaz de capturar sentidos de um sonho em vida, suficiente para desassossegar à existência pela plenitude da palavra que carrega proteção contra as arranhuras da vida. Uma imunidade, de certo modo, pueril, mas que já prepara e, principalmente, perspectiva o mundo para além de nós. Firmada pelo ortônimo na celebre paráfrase “navegar é preciso; viver não é preciso⁵” – logo,

4 *Ibidem*, p. 104.

5 “*Navigare necesse; vivere non est necesse*”, frase atribuída a Pompeu, general romano, 106-48 a.C. Para encorajar os marinheiros receosos com o novo ofício. c.f. Disponível em: <https://www.uc.pt/navegar>. Acesso em 28 ago. 2023.

tomaremos o verbo *navegar* pela aproximação e acepção simbólica com o verbo *buscar*, para além do (mar) desconhecido.

«Sad lot of all on Earth»

Sad lot of on earth,
Sad and lone!
We go to death from birth
Cheerless in laugh or groan;
And the greatest of us that here must sigh
Is but a meteor hurled on high
From the unknown to the unknown⁶.
(Pessoa / Search, 1995, p. 40)

«Tristeza de todos na Terra»

Tristeza de todos na terra,
Triste isolamento!
Caminhamos do nascimento à morte
Sombrios no riso ou na angústia;
E o maior de nós aqui tem sofrido
Meteoro apenas, na altura lançado
Do desconhecido ao desconhecido.
(Pessoa / Search, tradução nossa, 2023).

Nesse poema, o eu lírico vai direto para o que Heidegger denomina de *Dasein*, expressão alemã que, grosso modo, significa o “ser-aí”, dito de outro modo, é descrito em sua cotidianidade como um ser-no-mundo, sempre se projetando para possibilidades de ser como se o presente surgisse do futuro; portanto, está sempre no contínuo de situações experienciadas, a cada instante. Assim, a percepção lírica questiona uma condição que parece coletiva em *Sad lot of on Earth* [Tristeza de todos na terra] e, entre afirmações, busca traduzir uma consciência justaposta do mundo, tendo apenas a existência, que, por sua vez, potencializa questionamentos ordinários entre os viventes.

Desse modo, Search oferece, em sua breve seleção de questionamentos existenciais, a evidência da consciência do cotidiano. Afinal na metáfora os seres são como meteoros em *Is but a meteor hurled on high* [Meteoro apenas, na altura lançado] revela-se pela especificidade do ser do indivíduo. Pois, ainda próximo ao conceito heideggeriano do *Dasein*, a dicção poética de Search pondera uma metafísica da necessidade de esclarecimento da realidade existencial, quiçá em busca de respostas para outros tantos questionamentos. Ainda com base nos pensamentos de Heidegger, Aranha e Martins (1993, p. 305), articulam que “Se o homem é lançado no mundo de maneira passiva pode tomar a iniciativa de descobrir o sentido da

6 Poema datado de 1904.

existência e orientar suas ações em direções as mais diversas.” Mesmo que seja do *From the unknown to the unknown* [Do desconhecido ao desconhecido], certamente, a maior expressão da consciência existencial acontece através da condição secular que nos foi dada e, sobretudo, quando analisado a partir do conhecimento de mundo estranho que não criamos, pelo qual nos achamos submetido pelo primeiro instante de consciência.

Paralelamente, outros entes acabam por ser comprometidos aqui, a exemplo da noção de tempo-espaço e a finitude como sendo elementos essenciais para se pensar a existência. Por esse mote, caminha nosso *Buscador* inveterado quando, pela palavra poética, encontra testemunhas igualmente perturbadas pelas experiências do ser-estar diante de um mundo que se nos apresenta, por intermédio de suas contingências naturais e absolutamente únicas. A tal propósito, entre as rotações do signo poético, Paz (2015) bem articula que,

[...] Nossa poesia é consciência da separação e tentativa de reunir o que foi separado. No poema o ser e o desejado de ser pactuam por um instante, como o fruto e os lábios. Poesia momentânea reconciliação; ontem, hoje e amanhã; aqui e ali; tu, eu, ele e nós. Tudo está presente: será presença (Paz, 2015, p. 123).

Aliás, um movimento intenso que, pela poética de Search, reconfigura a consciência existencial através de seu processo de criação, uma vez que acolhe e busca a tradução primordial de sentimentos e estados antropófomos, tais quais: melancolia, angústia e dolências do ser. Desassossego em lirismo absoluto entre os modos de sentir e expressar – não consensual numa só língua. Inclusive presente na aparente aspereza cadenciada de um soneto.

SONNET

Could I say what I think, could I express
My every hidden and too-silent thought,
And brig my feelings, in perfection wrought,
To one unforced point of living stress.

Could I breathe forth my soul, could I confess
The inmost secrets to my nature brought;
I might be great, yet none to me haft taught
A language well to figure my distress.

Yet day and night to me new whisper bring,
And night and day from me old whispers take...
Oh for a word, one phase in which to fling

All that I think and feel, and so to wake
The world; but I am dumb and cannot sing.

Dumb as you clouds before the thunders break⁷.
(Pessoa / Search 1995, p. 44)

SONETO

Pudesse o que penso exprimir e dizer
Cada pensamento oculto e silente
Levar meu sentir moldado na mente
A ser natural perante o viver;

Pudesse a alma verter, confessar
Os segredos íntimos em meu ser;
Grande eu seria, mas nada pude aprender
Uma língua bem, que expresse o pensar.

Assim, dia e noite novo sussurrar,
E noite e dia sussurros que vão...
Oh! A palavra ou frase em que atirar

O que penso e sinto, acordando estão
O mundo; mas, mudo, não sei cantar,
Mudo como as nuvens antes do trovão.
(Pessoa / Search, 1995, p. 45)

Na primeira estrofe do soneto, acha-se o questionamento de Search sobre as condições intersubjetivas da existência. Um aspecto aparente da modernidade através das possibilidades de interpretar a realidade. Certamente uma questão ontológica que Search-Pessoa tece em sua prática poética, principalmente, ante os elementos líricos: tempo e morte. Contudo, para este recorte, percorremos uma terceira via que se articula pela existência, ou pelo menos a partir da consciência desta, pelo que traz em si, uma lógica orgânica e natural principiada desde o nascimento até a finitude do ser.

Diante de tal questão, o poeta, frequentemente, em suas reflexões, enfatiza a necessidade expressiva de pensamentos e sentimentos para tradução do ser. Assim sendo, as incertezas da existência humana aqui perpassam pelas dificuldades de lidar com a abstração do simples viver que pode ser expresso por tensionamentos existenciais de muitas ordens.

O soneto favorece a dualidade do existencial, mais voltado para o sensorial da primeira estrofe, ao contrário da segunda, na qual o fisiológico é acionado pela essência primeira do viver e pela respiração consubstancia corpo e alma entre segredos que não poderiam se revelar, quiçá pela fortuita brevidade linguística e/ou clausura estética da forma textual em contraponto à expressão libertadora da língua(gem) poética ou de uma língua natural? Ora, nem a objetividade comunicativa da língua inglesa, nem a subjetividade expressiva da língua portuguesa

7 Poema datado de 1904.

compele ao eu lírico a possibilidade interativa do bem pensar. Afinal de contas, será que existe uma única língua capaz de expressar pensamentos, angústias, inquietações e desassossegos universais de modo tão íntimo para cada ser humano?

É preciso ouvir/ler e, especialmente, entender a autenticidade experimental de Search. Porque, de algum modo, sua dicção poética consegue capturar o senso da existência humana de forma viva e, portanto, simbólica, através do processo evolutivo que avança para construções e desconstruções intersubjetivas do tempo, do mundo e das formas de existir. Uma busca infinda que leva em conta as reações consigo, com outros e com os acontecimentos variados da vida em sociedade, capaz de usurpar o cotidiano pessoal pelo propósito maior de passar adiante o desenvolvimento renovado e sempre reflexivo de possibilidades.

Essa exuberância pelas possibilidades do existir é intensamente adensada na chave de ouro do soneto, quando Search nos oferece toda energia existencial por meio do pensar e sentir, quando se está acordado. O acordar aqui estreita demasiadamente uma magnífica metáfora da consciência pela complexidade humana e sua substância adaptativa, ante o mundo em suas constantes transformações. Inclusive, o silêncio que o eu lírico empenha, pela mudez do mundo, traduz a consciência cética para respostas inexistentes, concebidas pelo silêncio ensurdecido de *Dumb as you clouds before the thunders break* [Mudo como as nuvens antes dos trovões], através do qual o canto-lamento repousa no oco, sem eco – que repercute o devir.

Trata-se de uma reflexão fenomenológica e fundamental aos propósitos existencialistas entre as inclinações ontológicas de cada indivíduo, como bem articulam Aranha e Martins (1993), por intermédio dos postulados de Heidegger:

Do sentido que o homem imprime à sua ação, decorre a autenticidade e inautenticidade da sua vida. O homem inautêntico é o que se degrada vivendo de acordo com as verdades e as normas dadas; a despersonalização o faz mergulhar no anonimato, que anula qualquer originalidade. É o que Heidegger chama de “mundodo man” (em alemão man significa “se”) e que designa a impessoalidade: come-se, bebe-se, vive-se, como todos comem, bebem e vivem. Ao contrário, o homem autêntico é aquele que se projeta no tempo, sempre em direção ao futuro. A existência é o lançar-se contínuo às possibilidades sempre renovadas (Aranha; Martins, 1993, p. 305).

Visível é a autenticidade de Pessoa-Search, mesmo diante de toda assimetria linguística a que todo sujeito bilíngue se torna passível, quer pela própria natureza linguística de interação comunicacional, quer pelo uso estético da linguagem como expressão ou, ainda, diante dos motes e contingências da (in)traduzibilidade poética, na medida em que acolhe outras tantas possibilidades criativas. De tal maneira, a presença de Walt Whitman, nos versos *The world; but I am dumb and cannot sing* [O mundo; mas, mudo, não consigo cantar], particularmente, remete à potência estética de *song of myself* [canção de mim mesmo], provavelmente, acessadas por Pessoa no *Durban High School*.

É perturbador como a busca pelos rastros da poética de Search se revela contextual a cada verso, a cada palavra, tornando ainda mais belo e repleto de significados através do processo criativo de Fernando Pessoa (ortônimo e heterônimos), ao desafiar a lógica do sentido – existencial, através de versos.

MEANINGLESS LINE

I Became good, and was despised.
I became bad; I hated was,
If good or bad I was not prized,
In good or evil, equal loss.

I became bad and good by turns,
And thus did but unite two ills.
The spleen that now within me burns
Therefrom, nor good nor evil stills.
(Pessoa / Search 1995, p. 184)

LINHAS SEM SENTIDO

Eu me tornei bom e fui desprezado.
Tornei-me mau; ódio recebi,
E se bom ou mau, nunca fui elogiado,
No bem ou no mal igual perda senti.

Então bom uma vez e mau outra hora,
Assim consegui dois males juntar.
Sei do tédio que em mim arde agora,
Nem o bem nem o mal o vem sossegar.
(Pessoa / Search, tradução nossa, 2023).

Meaningless line [Linhas sem sentido] incorpora em si, simultaneamente, todas as angústias existenciais, que invariavelmente permeia uma perspectiva maniqueísta que apresenta a ambiguidade como um elemento fundamental e naturalmente humano. Por isso, a análise desse poema é tomada desde o seu título como uma metáfora da vida, como uma linha, na qual o sentido é um construto diário que, também, em Search, emana a temporalidade e a última das gentes, como bem anuncia(va) à morte, Manuel Bandeira. Algo próximo ao que propõe Heidegger quando pondera “[...] que o próprio Ser não se encontra num plano eterno e imutável: ele surge no Tempo e na história. Assim, tanto no nível cósmico quanto na vida de cada um de nós, todas as coisas são temporais e finitas.”, como afirma Bakewell (2017, p. 291). Percepção inclusive que se apresenta como temáticas recorrentes na poética de Search.

Entretanto, deslocando essa lente, optamos pelas possibilidades do existir como o existencialismo nos apresenta, em especial, quando empenhado por Sartre (1978, p. 05), em sua célebre declaração de que a “existência precede a essência”.

Posição que não assenta muito bem a ideia da existência humana com data final para expirar. Um ponto que privilegiamos, neste instante, pelas possibilidades do existir entre o bem e o mal, mas ainda pelo engajamento da liberdade que sai do plano imaginário e se apresenta em ações.

Assim, o que parece conflituoso na primeira estrofe, na segunda, se apresenta como alternativa – por outra via possível. E que, como desdobramento, cria outras novas questões a sintetizar a existência pelo desassossego nosso de cada dia.

Com isso, a dicção poética de Alexander Search, com os poemas representativos apresentados aqui, entre outros tantos, tais quais: *The Clown* [O Palhaço]; *Soul-Symbols* [A Alma em Símbolos]; *Mania of Doubt* [Mania de dúvida]; *The Accursed Poet* [O Poeta Maldito] e outros tantos que repercutem à matéria sublime da existência e da essência do ser, afloram o percurso estético-filosófico de Fernando Pessoa que teve, em Search, nos seus primeiros versos, o que chamamos de experimentais, dadas as circunstâncias neófitas e, sobretudo, pela necessidade de expressão, a criar infundas conexões com a língua inglesa pelo aporte (intelectual). E que, mais tarde, já amadurecido, toma Pessoa a companhia do mestre Caeiro com a força de uma atividade poética e filosófica do homem que dispõe da existência como matéria fundamental, agora curada e vazada pela língua portuguesa, em seu aporte (afetivo), de modo a forjar um lirismo absolutamente inteligível através da singular modernidade de versos plenos, capazes de aproximar o humano de si mesmo.

Considerações finais: ou *Na dúvida, há um ponto final*⁸

Por esse olhar, a poética de Alexander Search se mostra profundamente empenhada, exatamente pelos princípios das buscas pelo entendimento do existir, por meio dos signos poéticos que abrem fendas para o âmago humano e, principalmente, inspiram, por um dado modo de autoconhecimento. Assim, a essência artística das composições de Search pelas procuras intersubjetivas se revelam para o desconhecido, como se revelasse um *Buscador* para uma *deep web* humana, acessada pela decodificação de palavras.

Assim posto, entre o germinal e o experimental e, sobretudo, como navegador nato, em Alexander Search, a existência humana aparece como prefiguração mental – para nobres missões de autoconhecimento, em busca de respostas, ou, quiçá, melhores entendimentos para confrontar as questões do existir através de signos poéticos como tradução primeira do Ser no mundo. Como quem evidencia que a realidade é anterior à linguagem pela consciência do ser e pela transmutação tempo-espço, através da experiência da outridade – presente em todas as manifestações do existir. Assim, a linguagem (poética) desafia e perturba o imaginário de nosso infante-poeta que deseja(va) apenas se encontrar em presença – ante à ausência de respostas para suas inquietações (existenciais).

8 Pessoa (1986, p. 232).

Como bem afirma Paz (2015, p. 120), “A poesia nasce no silêncio e no balbucio, no não poder dizer, mas aspira irresistivelmente à recuperação da linguagem como realidade total.” Por essa perspectiva, se a poesia de Search expressa estabelecer relações metafísicas do ser no mundo, as sensações de um existir entre possibilidades, imediatamente, o silêncio aciona a poesia que faz vazar palavras, símbolos, versos que possibilitam, no contínuo pessoal, traduzir e afagar inquietações naturais e que, por isto mesmo, são capazes de nos tornar pessoas autênticas.

Certamente, tais conexões imanentes existem. E claro que essa condição de Search, interlínguas, potencializa a (re)apresentação de sua escrita e de sua persona poética, através de um intrincado complexo de simbolismos interculturais que ainda desassossega os estudos da poesia pessoana, que, entre os mistérios da existência e a essência do ser, refuta unidades possíveis e imediatas de entendimento, a fim, justamente, de confirmar a poética da nossa existência.

INTERLINGUAL DIALOGUES IN THE POETICS BY ALEXANDER SEARCH OR THE PESSOANA “SEARCH” FOR THE CONTINUOUS POSSIBILITIES OF EXISTING

Abstract: *The poetic diction by Alexander Search, as a literary-germinal personality by Fernando Pessoa, triggers confessional expressions in his aesthetic work, in search of himself. Aspect that shows intense metaphysical articulations, above all, in thematic reconfigurations that surround anguish, loss, time, finitude, among other ontological issues that somehow are engaged as lyrical erasures that translate the human existence. Through this lens, and mainly from some scattered poems by Search-Pessoa, we aim to investigate how Alexander Search’s poetic diction appropriates existential questions, such as lyrical-material, prefigured through human searches in their possibilities of existing. Thus, through contextual readings, we show peculiar traits of an embryonic poetics that reveals itself through the arid objectivism of the English language and the affable reception of the Portuguese language, when translating the pessoan lyricism as intersubjective searches - as a testimony of life.*

Keywords: *Alexander Search; aesthetic erasures; interlingual dialogues; Pessoa lyricism*

Referências

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à filosofia*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1993.

BAKEWELL, Sarah. *No café existencialista: o retrato de uma época em que a filosofia, a sensualidade e a rebeldia andavam juntas*. Trad. Denise Bottman. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- FREIRE, Luísa. In: PESSOA, Fernando. *Poesia Inglesa* (1). Edição, tradução e notas de Luísa Freire. Ed. Bilingue. Lisboa: Livro Horizonte, 1995. p. 17-29.
- FREIRE, Luísa. *Fernando Pessoa - Entre Vozes, entre Línguas*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Tradução revisada e interpretação de Márcia Sá Calvalcante. Posfácio de Emmanuel Carneiro Leão. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2015a.
- HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução revisada e interpretação de Márcia Sá Calvalcante. Posfácio de Emmanuel Carneiro Leão. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2015b.
- JOACHIM, Michael. A heteronímia de Fernando Pessoa: literatura plurilíngue e transnacional. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, n. esp., p. 161-181, jul./dez. 2014.
- LOPES, Teresa Rita. Prefácio. In: PESSOA, Fernando. *Poesia inglesa* (1). Edição, tradução e notas de Luísa Freire. Ed. bilíngue. Lisboa: Livro Horizonte, 1995. p. 7-10.
- NITRINI, Sandra. *Literatura comparada: história, teoria e crítica*. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.
- PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego por Bernardo Soares*. Seleção e introdução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.
- PESSOA, Fernando. *Fausto – tragédia subjetiva*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.
- PESSOA, Fernando. *Poesia inglesa* (1). Edição e tradução e notas de Luísa Freire. Ed. Bilingue. Lisboa: Livro Horizonte, 1995.
- PAZ, Octavio. *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Trad. Virgílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

Recebido em 05 de julho de 2024

Aprovado em 18 de setembro de 2024